

Revisitando Amadeu Amaral

Vandersí Sant’Ana Castro

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

vandersi@iel.unicamp.br

Abstract: *A general view of Amadeu Amaral’s study about the “caipira” dialect (a dialect from the state of São Paulo), and the identification of further possibilities for research based on his study.*

Keywords: *Dialectology; Amadeu Amaral; “caipira” dialect.*

Resumo: *Visão geral do estudo de Amadeu Amaral sobre o dialeto caipira e identificação de perspectivas para novas pesquisas a partir desse trabalho.*

Palavras-chave: *dialeto caipira; Amadeu Amaral; dialeto caipira.*

Introdução

O *dialeto caipira* de Amadeu Amaral, publicado em 1920, é uma referência obrigatória na história da dialetologia brasileira. Os especialistas da área acentuam a importância dessa obra, que abriu caminho para uma orientação nova nos estudos da língua em nosso país (Ferreira & Cardoso 1994; Brandão 1991; Nascentes 1953; Marroquim 1945).

Todavia, parece ter ainda certa atualidade a afirmação de Duarte (1976: 113), feita há cerca de trinta anos, de que a obra de Amadeu Amaral, infelizmente, “ainda é pouco conhecida”, sobretudo dos “mais novos”. A avaliação parece pertinente e atual mesmo em referência ao estudo sobre o dialeto caipira, talvez o trabalho mais conhecido de Amaral, e que aqui nos interessa diretamente. Vale a pena, portanto, visitar esse trabalho, destacando as inovações que introduziu em nossos estudos dialetológicos, a contribuição que representa para o conhecimento do português do Brasil, as questões que suscitou e pode suscitar ainda hoje para novas pesquisas.

O dialeto caipira

O estudo de Amadeu Amaral sobre o dialeto caipira apresenta dois aspectos inovadores que justificam a importância que é atribuída à obra. 1º) Trata-se da primeira tentativa de se descrever de forma abrangente um falar regional brasileiro. Os trabalhos anteriores de natureza dialetológica voltam-se basicamente para o estudo do léxico do português do Brasil, em âmbito geral ou regional, constituindo-se em dicionários, vocabulários, léxicos (Ferreira e Cardoso 1994). Diferentemente, o estudo de Amaral revela uma preocupação muito mais ampla, procurando descrever o falar caipira em seus diferentes aspectos – fonético, lexical, morfológico e sintático. 2º) Do ponto de vista metodológico, o trabalho se orienta por princípios rigorosos, que Amaral considera indispensáveis na investigação dialetológica e que conferem confiabilidade à sua descrição, a saber: necessidade de pesquisa *in loco*; rejeição de dados não verificados

pessoalmente pelo investigador; clareza, objetividade e precisão na descrição dos fatos e no registro das formas. Esse cuidado metodológico é ainda mais notável se lembrarmos que Amadeu Amaral foi um autodidata e que sua investigação foi desenvolvida em época em que não contávamos ainda com um centro universitário de pesquisa em São Paulo.

Revelando uma percepção ampla e adequada da questão dialetológica no Brasil, Amadeu Amaral considera que a multiplicação de descrições desse tipo contribuiria para uma visão mais clara da realidade lingüística brasileira. Assim, na Introdução de seu trabalho, acentua a necessidade de pesquisa séria e imparcial voltada para as “modalidades locais e regionais”, condição para se saber “com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um” (Amaral 1982: 44).

A diretriz definida por Amaral é reencontrada em trabalhos que se seguem ao seu, referentes a outras variedades regionais brasileiras. É o caso da descrição do linguajar carioca, de Nascentes, publicada em 1923; e também do estudo de Marroquim sobre a língua de Pernambuco e Alagoas, de 1934; e ainda dos trabalhos de Teixeira sobre os falares de Minas Gerais e Goiás, de 1938 e 1944, respectivamente.

No trabalho de Amaral, a descrição propriamente lingüística do dialeto caipira é precedida por informações gerais que nos permitem situar a variedade no espaço e no tempo e identificar seus usuários. Diz-nos o Autor que até mais ou menos a última década do século XIX, tivemos “um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo” - o falar caipira, “bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível”. Esse falar “dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia sua influência à própria minoria culta. (...) Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o *caipirismo* não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana” (Amaral 1982: 41). Todavia, no correr do final do século XIX e início do século XX, por atuação de fatores que alteraram o meio social (libertação dos escravos, crescimento da população, imigração, ampliação das vias de comunicação e do comércio, extraordinário incremento da educação), os “genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados”, e o *caipirismo* vão perdendo seu espaço de influência. De tal forma que, à época em que o Autor desenvolve sua pesquisa, o falar caipira se acha “acantado em pequenas localidades” que ficaram à margem do progresso, subsistindo “na boca de pessoas idosas”, observando-se, entretanto, que “certos remanescentes de seu predomínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições” (Amaral 1982: 41, 42). É esse falar que Amadeu Amaral descreve, numa tentativa de documentá-lo antes que se perca. Embora o Autor não seja preciso quanto às áreas em que coletou seus dados, Duarte (1976: 91) nos informa que tais investigações se circunscrevem “às zonas de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, onde [Amaral] fez suas observações e de onde se originavam muitos dos seus poucos informantes”.

A caracterização lingüística do dialeto caipira é feita por Amaral com riqueza de pormenores, exemplificação pertinente, freqüentes comparações com o português lusitano e com as realizações de outras regiões do Brasil, e remissões à história da língua. O Autor trata dos diferentes aspectos do dialeto em capítulos específicos -

fonética, lexicologia, morfologia, sintaxe, além do extenso vocabulário ao final do volume -, permitindo ao leitor ter uma visão abrangente dessa variedade popular de São Paulo. A título de exemplo, mencionaremos apenas algumas das peculiaridades apontadas por Amaral em cada um dos níveis lingüísticos considerados.

No âmbito fonético, estabelecendo diferença em relação ao português lusitano, Amaral (1982: 45) destaca, como característica prosódica do dialeto caipira, “o frasear lento, plano e igual”, associado à maior duração das vogais e à ocorrência de mais pausas na realização do grupo de palavras. No nível dos segmentos vocálicos, entre as peculiaridades apontadas por Amaral, destacamos:

- a) realização de [e] e [o] átonos finais (*est[e]*, *pov[o]*), não se verificando no dialeto caipira o alçamento das médias observado, nesse contexto, em outras regiões do país;
- b) alçamento e nasalização do /e/ pretônico inicial, como ocorre em [t]xame, [t]ξεμπλο, [ι]leiçãõ;
- c) realização do ditongo nasal de *bom*, *tom*, *som* como [ãw].

No que se refere às consoantes, destacamos:

- a) ocorrência do “r caipira”, em posição intervocálica (*a[@]a[@]a*) e pós-vocálica (*ca[@]ta*) – som identificado como “língu-palatal e guturalizado”, cuja articulação é descrita em pormenores por Amaral (1982:47 – 48); o “r retroflexo”, como também é conhecido, é, talvez, o traço mais marcante do que hoje se identifica como uma pronúncia “caipira”;
- b) realização africada das palatais /Σ / ε /Z/ - [tΣ]ave para *chave*, [dZ]ente para *gente* -, pronúncia também registrada “entre o povo em certas regiões de Portugal”, como observa Amaral (1982: 48);
- c) alternância entre /b/ e /v/, dando lugar a formas sincréticas como [b]assora / [v]assora; [b]espa / [v]espa; [b]amo / [v]amo.

Na caracterização da morfologia do dialeto caipira, Amaral reúne observações relativas à formação de palavras, ao gênero, número e grau dos nomes, às flexões verbais e ao uso dos pronomes. Entre as peculiaridades registradas, apontamos:

- a) na primeira pessoa do plural do perfeito do indicativo dos verbos em –ar, a tônica *a* > *e*: *caminhamos* = *caminh[e]mo(s)*;
- b) o adjetivo e o particípio passado freqüentemente ocorrem sem flexão: *essas coisarada bonito*;
- c) na comparação, freqüentemente as formas analíticas substituem as sintéticas – *mais grande, mais pequeno, mais b[ãw]*.

Sobre a sintaxe, Amaral pondera que, considerando-se a complexidade dos fenômenos, o material que conseguiu reunir não é suficiente para tentativas de sistematização. O Autor reuniu, no entanto, várias observações concernentes a concordância, uso de pronomes pessoais, de relativos, construção de negativas, expressão de certas circunstâncias. Seguem-se algumas dessas observações:

- a) uso de *ele, ela* como acusativo (*Peguei ele, enxerguei elas*), observando Amaral (1982: 75) que se trata de “fato (...) dos mais generalizados pelas diversas regiões do país”, e atestado “em antigos documentos da língua”;
- b) emprego de dupla negativa, como em *ninguém não viu*;
- c) uso de *por amor de* para exprimir circunstância de causa, “como [faz] o povo em Portugal”. Ex.: “Hei d’i na vila dumingo $\pi PAmó\rho$ de vê se compro os perciso.” (Amaral 1982: 81). *Mór* de vê e *mó* de vê são variantes apontadas por Amaral.

Quanto ao léxico, Amaral reuniu extensa lista de itens cujo uso atestou entre os caipiras. Nos verbetes, apresentados em ordem alfabética, o Autor indica a forma dialetal mais freqüente e outras formas ou pronúncias, quando é o caso; agrega abonações que esclarecem o uso em questão; e inclui, muitas vezes, observações sobre a extensão do uso e a etimologia das formas. Trata ainda, em capítulo exclusivo, da formação do léxico caipira, identificando como suas fontes mais importantes: a) o português do século XVI, usado pelo primitivo colonizador, sendo evidências dessa fonte os numerosos arcaísmos presentes no dialeto, como *saluçõ* (solução), *função* (= baile), *dona* (= senhora), *reina(r)* (= fazer travessuras); b) o tupi, falado pelos autóctones, exemplificando essa procedência uma grande quantidade de termos usados no dialeto, como *caipira*, *sucuri*, *abacaxi*, *cipó*, *pamonha*; c) e as formações do próprio dialeto, de que são exemplos *campea(r)* (= procurar), *espeloteado* (= maluco), *prosea(r)* (= conversar), *rabo-de-tatu* (= relho).

Novas pesquisas

Relembrando as informações de Amaral sobre a situação em que se encontrava o dialeto caipira no momento em que o Autor realizou sua investigação, constatamos que a descrição corresponde tipicamente à de uma variedade lingüística em retração, ou seja, o dialeto subsiste em “*pequenas localidades*” não alcançadas pelo progresso, e na fala de *peessoas idosas*. Com efeito, Amaral (1982: 42) é pessimista em relação ao futuro da variedade: pondera que o dialeto “acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve”, tendo em vista sua concorrência com as outras tendências já atuantes e com as que se prenunciam no cenário paulista.

Tem-se aí uma questão instigante para um estudo: averiguar em que medida a previsão de Amaral teria se concretizado. Nessa direção orientou-se Rodrigues (1974), realizando uma pesquisa na zona rural de Piracicaba, área que se situa na zona velha de colonização e é considerada uma das regiões onde o dialeto caipira teria grande vigor, mesmo na zona urbana. Assim, cerca de 50 anos após a publicação do estudo de Amadeu Amaral, Rodrigues constatou a vitalidade do dialeto na região de Piracicaba, conforme os dados morfosintáticos e fonético-fonológicos que registrou no desempenho de seus informantes. Só para exemplificar, e atendo-nos a algumas das peculiaridades do dialeto anteriormente mencionadas, assinalamos que Rodrigues atestou, no nível fonético:

- a) a realização de [e] e [o] átonos finais (*leit[e]*, *bat[o]*);
- b) a ocorrência do “r caipira” em posição intervocálica e em final de sílaba (*jaca[©]jé*, *ba[©]δε*);

- c) a realização africada das palatais /Σ / e /Z / (*ca*[τΣ]*orro*, [τΣ]*apéu*, [δZ]*janela*, [δZ]*jente*);
- d) a alternância entre /b/ e /v/ ([*b*]*assora*, [*v*]*assora*).

E, no nível morfossintático:

- a) o uso de *ele*, *ela* como acusativo (*Eu trouxe ela*);
- b) a substituição de /a/ por /e/ na 1ª pessoa do plural do perfeito do indicativo (*registr[e]mo*);
- c) a ausência de concordância de gênero (*Aquela coisa estufado*).

Acrescentando a sua descrição observações sobre as atitudes dos falantes em relação ao “falar caipira”, Rodrigues (1974) constatou que os falantes da região têm consciência da identidade e do valor social (negativo) do modo de falar próprio da área.

Outra possibilidade de se retomar o estudo de Amaral, e se levar adiante o caminho iniciado por Rodrigues (1974), seria verificar a resistência de traços do dialeto caipira até os dias de hoje, pelo exame de materiais de nossos atlas lingüísticos regionais. Os atlas lingüísticos fornecem um *corpus* adequado e mesmo especial para uma verificação desse tipo, permitindo a consideração de variantes fonéticas, lexicais e eventualmente morfossintáticas. Diferentemente de trabalhos monográficos, os atlas recobrem áreas extensas, permitindo a comparação do desempenho de falantes de diferentes localidades e a eventual identificação de isoglossas.

Consideremos, por exemplo, o “r caipira”, um dos traços mais salientes do dialeto. Com os atlas lingüísticos hoje disponíveis, é possível verificar a penetração dessa variante em áreas contíguas a São Paulo – Minas Gerais e Paraná, estados que já foram objeto de uma abordagem geolingüística (Ribeiro *et alii* 1977, Aguilera 1994, respectivamente). Tanto no atlas lingüístico de Minas Gerais (cf. cartas 2, 3, 8, 29), como no do Paraná (cf. cartas 102, 104, 109, 110, 112, 156), atesta-se a ocorrência do “r retroflexo” em final de sílaba. Nos dois atlas encontramos cartas analíticas, aqui reproduzidas (v. Anexos), que expõem isoglossas referentes a essa variante: a carta 187 do atlas do Paraná resume os dados relativos à pronúncia do /r/ pós-vocálico na forma *parteira*; e a carta 47 do atlas de Minas delimita a área de ocorrência do “r retroflexo”, atestado na realização das formas *carta*, *porta*, *esquerda* e *arco*. Na carta de Minas, a linha continuada indica a presença exclusiva da realização retroflexa, e a linha interrompida, a concorrência dessa variante com outras realizações. Na carta do Paraná, a hachura em diagonal delimita a realização retroflexa, a hachura vertical, a realização do flepe, e a hachura horizontal, a realização da vibrante alveolar; as áreas de intersecção de hachuras correspondem à concorrência das respectivas variantes. Como se pode verificar, tanto em Minas como no Paraná, atesta-se a presença do “r caipira” em toda a zona de fronteira com São Paulo, avançando para o interior desses estados – é o fato lingüístico documentando a história de penetração dos paulistas nessas áreas vizinhas, desde o deslocamento dos bandeirantes e dos tropeiros até a história mais recente do povoamento do norte do Paraná.

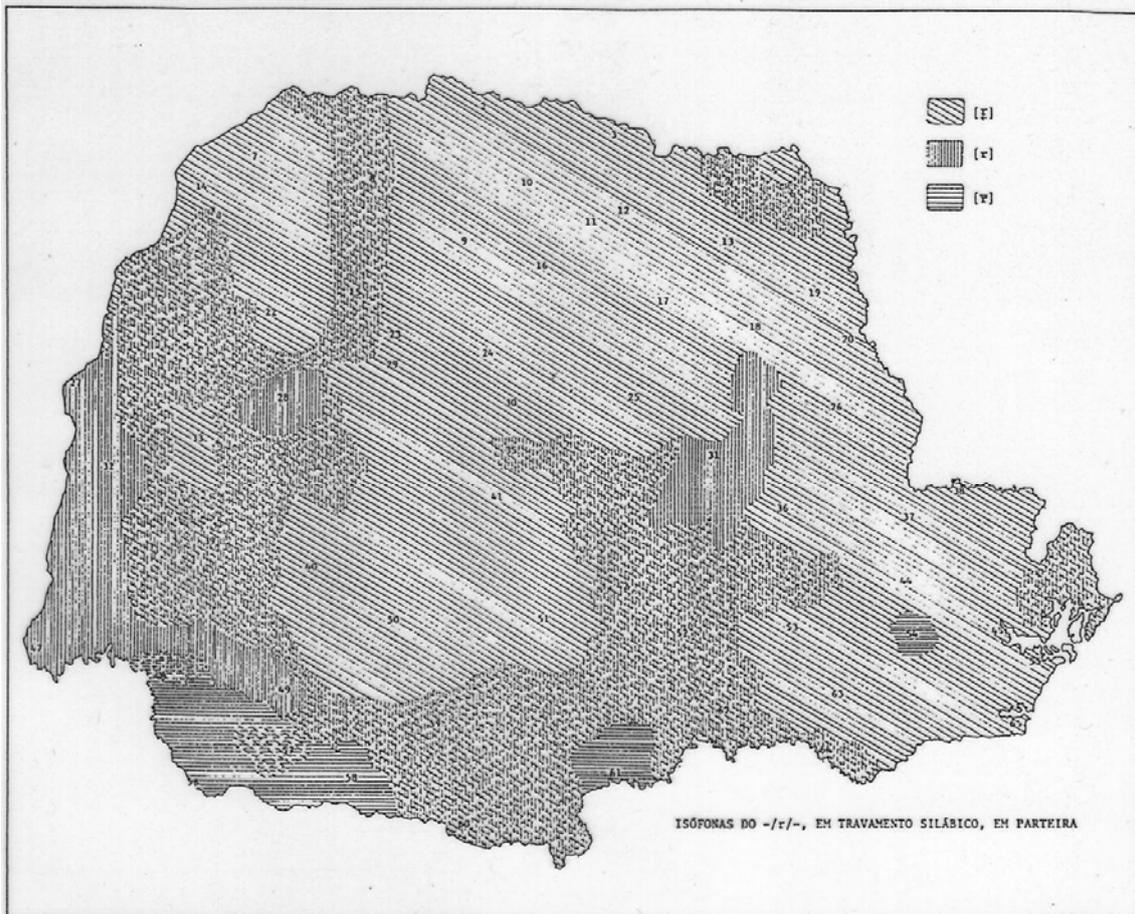
O material apresentado é apenas uma amostra de um tipo de investigação que pode ser feita a partir de Amaral e dos nossos atlas lingüísticos, e que contribuiria para valorizar esforços tão importantes de nossa dialetologia, que talvez não tenham a visibilidade e a utilização que merecem. Essa linha de investigação, evidentemente,

pode ser relevante não só para a identificação de traços resistentes do dialeto caipira, mas também de mudanças que já se efetivaram ou que estão em andamento nas áreas pertinentes. Que esta amostra estimule novas investigações.

Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4ª ed., São Paulo: Hucitec / Brasília: INL, 1982 (reprod. facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- BRANDÃO, Sílvia. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- DUARTE, Paulo. *Amadeu Amaral*. São Paulo: Hucitec / Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976.
- FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. 2ª ed., São Paulo: Edit. Nacional, 1945. (1ª ed. 1934).
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2ª ed. compl. refund., Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 (1ª ed. 1923).
- RIBEIRO, José *et alii*. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC / Casa de Rui Barbosa / UFJF, 1977.
- RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.
- TEIXEIRA, José Aparecida. *O falar mineiro*. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, 45. São Paulo, 1938.
- _____. *Estudos de dialectologia portuguesa. Linguagem de Goiás*. São Paulo: Edit. Anchieta, 1944.

Anexos



ESBOÇO DE UM ATLAS
LINGÜÍSTICO DE
MINAS GERAIS

CARTA 47

ISÓFONA DO [r]

